

A palavra *poesia* em Jakobson¹

The word *poetry* in Jakobson

Adilson Ventura da SILVA*

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB/BRAZIL

RESUMO

Por ser considerado um objeto de estudos principalmente da Literatura, o estudo de certos aspectos da poesia chama a atenção de poucos pesquisadores da área da Linguística, o que, de certo modo, deixa certas discussões importantes de lado e também certas questões que poderiam suscitar várias discussões nem chegam a ser elaboradas. Colocando-nos na posição de que a poesia é um lugar importante para as pesquisas linguísticas, principalmente na área da Semântica, pretendemos, neste artigo, observar os sentidos da palavra *poesia* na teoria de Jakobson. Para isso, vamos, em um primeiro momento, levantar uma pequena discussão a respeito de sua teoria e qual o(s) lugar(es) que a poesia ocupa. Após esta discussão, iremos nos situar na linha teórica da Semântica do Acontecimento, para

¹ Este artigo é uma versão modificada de um capítulo de minha tese de doutorado, intitulada “O Sentido da Palavra Poesia nas Ciências da Linguagem, defendida no Programa de Pós-graduação em Linguística do IEL/UNICAMP.

*Sobre o autor ver página 197.

estabelecer o Domínio Semântico de Determinação desta palavra no corpus estabelecido.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia. Semântica. Linguagem.

ABSTRACT

Considered to be the main objects of analysis of Literature, the studies on certain features of poetry have not much interest to the linguists, which, somehow makes some important discussions aside and some issues that could raise several discussions are not even set. Considering that poetry is an important field to linguistic research, mainly in Semantics, we intend to in this article to observe senses of the word poetry in Jakobson's theory. For this, we, in a first moment, raise a small discussion as to his theory and what place (s) that poetry occupies. After this discussion, we situate ourselves in the theoretical line of Semantics of the Events, to establish the Semantic Domain Determination of this word in the corpus established.

KEYWORDS: Poetry. Semantics. Language.

1 Introdução

Sendo a poesia um fenômeno de linguagem, deveria ser um objeto de estudos muito pertinente para as Ciências da Linguagem de modo geral, e para a Linguística, de modo particular. Porém, são poucos os linguistas que se interessam pela poesia enquanto objeto de estudos, o que pudemos discutir em nossa tese de doutorado (SILVA, 2012). Dentre estes linguistas, o que produziu vários estudos tendo a poesia como objeto foi Jakobson, e, por conta disso, iremos aqui observar o modo como ele trata a poesia. Assim sendo, vamos fazer uma pequena apresentação da teoria que ele desenvolveu para depois, com o aporte teórico da Semântica do Acontecimento, elaborar o Domínio Semântico de Determinação (DSD) da palavra *poesia*, ou seja, observaremos os sentidos que esta palavra possui em textos específicos de Jakobson.

2 A teoria de Jakobson

Como dissemos na introdução, Jakobson é um autor que se interessa diretamente em tratar questões a respeito da poesia e também da grande importância de sua relação com a Linguística. Esse seu interesse fez com que ele produzisse várias análises de poemas, indicando vários aspectos linguísticos que aparecem na composição dos poemas, possibilitando uma análise científica dos mesmos. Com essa preocupação de colocar a análise de poesias como uma análise científica, ele trabalha com a relação entre a Poética e a Linguística e coloca como questão central da Poética “Que é que faz de uma mensagem verbal uma obra de arte?” (JAKOBSON, 2001, p.119), questão essa que já deixa um caminho aberto para se pensar, em Jakobson, que a poesia tem uma relação direta com a arte. Sendo assim, a Poética é de suma importância para os estudos literários, conforme o próprio autor: “Sendo o objeto principal da Poética as *differentia specifica* entre a arte verbal e as outras artes e espécies de condutas verbais, cabe-lhe um lugar de preeminência nos estudos literários.” (JAKOBSON, 2001, p. 119).

Ou seja, a Poética estuda as diferentes especificidades entre a poesia e outras manifestações da arte e de estruturas verbais. Então, com isso, temos uma primeira ligação que poderá trazer algumas questões para o que seja a poesia para Jakobson, pois ele coloca a poesia em relação com a arte, ficando assim a pergunta: o que é a arte? Questão a que voltaremos posteriormente para pensarmos o que é a poesia. Também temos que essa conceituação do que seja a Poética ganha contornos mais abrangentes quando Jakobson(2001, p. 119) coloca que:

A Poética trata dos problemas da estrutura verbal, assim como a análise de pintura se ocupa da estrutura pictorial. Como a Linguística é a ciência global da estrutura verbal, a Poética pode ser encarada como parte integrante da Linguística.

Dessa forma, para ele a Poética é parte integrante da Linguística, isto é, entre os estudos científicos da língua, há um importante estudo

que trata da Poética, ou seja, da própria ligação da língua e da arte. Porém este lugar da Poética, como parte integrante da Linguística, não é aceito por unanimidade entre os estudiosos, na medida em que há a consideração de que

a Poética, em contraposição à Linguística, se ocupa de julgamentos de valor.(...) Esta separação dos dois campos entre si se baseia numa interpretação corrente, mas errônea, do contraste entre a estrutura da poesia e outros tipos de estrutura verbal: afirma-se que estas se opõem, mercê de sua natureza "casual", não intencional, à natureza "não casual", intencional, da linguagem poética (JAKOBSON, 2001, p. 120).

Com isso há a colocação, de certo modo, da Poética fora do campo científico, isso por se considerar a estrutura verbal em poesia diferente de outros tipos de estrutura verbal, na medida em que a poesia possui um caráter intencional e os outros tipos de estrutura verbal possuem um caráter não intencional. Para Jakobson:

De fato, qualquer conduta verbal tem uma finalidade, mas os objetivos variam e a conformidade dos meios utilizados com o efeito visado é um problema que preocupa permanentemente os investigadores das diversas espécies de comunicação verbal. Existe íntima correspondência, muito mais íntima do que o supõem os críticos, entre o problema dos fenômenos linguísticos a se expandirem no tempo e no espaço e a difusão espacial e temporal dos modelos literários. (JAKOBSON, 2001, p. 120)

Com essa afirmação, temos que Jakobson, e o Funcionalismo de modo geral, tem na finalidade de cada conduta verbal o aspecto central que conduz as pesquisas linguísticas. Além disso, ele aproxima decisivamente os estudos poéticos dos linguísticos, em contraponto a certos linguistas que restringem o campo de estudos da Linguística, colocando, por exemplo, a sentença como o limite máximo para a análise, o que, de certa forma, exclui exatamente os textos literários do escopo de análise. E isso também ocorre quando se impõe à análise somente

questões gramaticais, questões não-semânticas de formas externas, etc. Assim Jakobson critica essas limitações impostas à Linguística e, como dissemos mais acima, aproxima estes dois campos, incluindo a Poética na Linguística. A partir dessa inclusão, Jakobson passa a produzir várias análises de poesias e, para isso, ele discute alguns conceitos e, dentre esses conceitos, nos interessa, nesse momento, discutir o modo como ele pensa a língua, pois ele, ao analisar os poemas, prende-se na análise de detalhes pormenorizados de cada poema, privilegiando exclusivamente os aspectos linguísticos, na medida em que ele se atém a aspectos relativos à forma, observando as relações fonéticas em relação às relações de sentido (semânticos).

Para observarmos o que é a língua para Jakobson, temos, em primeiro lugar, a questão das funções da linguagem. Ele coloca a importância de se estudar todas as funções, em contrapartida a certos linguistas que não levam em conta elementos emotivos nos estudos linguísticos, isto é, alguns linguistas acreditam que a função emotiva não é de interesse para a Linguística, enquanto que para Jakobson ela é de fundamental importância. Por isso ele retoma todos os elementos que constituem o processo linguístico.

O remetente envia uma mensagem ao destinatário. Para ser eficaz, a mensagem requer um contexto a que se refere (ou “referente”, em outra nomenclatura algo ambígua), apreensível pelo destinatário, e que seja verbal ou suscetível de verbalização; um código total ou parcialmente comum ao remetente e ao destinatário (ou, em outras palavras, ao codificador e ao decodificador da mensagem); e, finalmente, um contacto, um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário, que os capacite a ambos a entrarem e permanecerem em comunicação. (JAKOBSON, 2001, p. 123)

E, conforme há um aspecto dominante dentre esses elementos é que teremos a estrutura verbal de uma mensagem. Ou seja, se a mensagem for centrada no remetente, temos a função emotiva ou expressiva; se a mensagem for centrada no destinatário, temos a função conativa; a mensagem centrada no contato é a que nos traz a função fática; a função

metalinguística é aquela que está centrada no próprio código; a mensagem que está centrada no contexto possui a função referencial e, por fim, a mensagem que está centrada na própria mensagem, é a função poética. Jakobson reafirma que em cada mensagem é possível encontrar mais de uma função, mas que podemos classificar a mensagem conforme o tipo de função que é colocado em destaque, podendo ser qualquer uma dessas seis funções.

Colocado dessa forma, podemos observar que a língua, em seu funcionamento, necessita da intenção do remetente, que irá centrar a mensagem em um dos elementos do processo linguístico. Com isso temos que, entre outras coisas, a função poética da linguagem é estabelecida conforme o poeta faz uso da linguagem, o que leva Jakobson a estudar a vida de alguns poetas, e também reafirma a importância do estudo dessa função, levando em conta que:

Essa função não pode ser estudada de maneira proveitosa desvinculada dos problemas gerais da linguagem, e, por outro lado, o escrutínio da linguagem exige consideração minuciosa da sua função poética. Qualquer tentativa de reduzir a esfera da função poética à poesia ou de confinar a poesia à função poética seria uma simplificação excessiva e enganadora. A função poética não é a única função da arte verbal, mas tão-somente a função dominante, determinante, ao passo que, em todas as outras atividades verbais ela funciona como um constituinte acessório, subsidiário. Com promover o caráter palpável dos signos, tal função aprofunda a dicotomia fundamental de signos e objetos. Daí que, ao tratar da função poética, a Linguística não possa limitar-se ao campo da poesia. (JAKOBSON, 2001, p. 128)

Com isso, ele faz uma crítica aos estudos linguísticos que limitam a função poética simplesmente ao estudo da poesia, pois, para ele, essa função pode estar em toda e qualquer mensagem e, além disso, traz uma grande diferenciação entre os signos e os objetos, levantando questões importantes para o estudo da linguagem em geral. Desse modo temos também que a função poética aparece de forma acessória em toda

atividade verbal, o que, novamente, aparece como uma crítica à função poética se colocar somente ao se estudar a poesia.

Outro aspecto que queremos apresentar nesse momento a respeito do conceito de língua para Jakobson se dá a partir da leitura do artigo “À Procura da Essência da Linguagem”, presente no livro *Linguística e Comunicação* (2001), em que ele produz uma reflexão sobre a língua. Para isso ele retoma alguns autores, tais como Leonard Bloomfield e Wilhelm von Humboldt, que consideram fundamental o estudo da relação entre o som e o sentido. Por isso ele tece uma crítica à consideração de que foi Saussure quem colocou essa relação nos estudos linguísticos. Ou, conforme as próprias palavras de Jakobson:

O total esquecimento em que, entretanto, o haviam deixado os linguistas do passado recente, pode ser ilustrado pelos frequentes louvores dirigidos à pretensa novidade da interpretação que Ferdinand de Saussure fez do signo, particularmente do signo verbal, como unidade indissolúvel de dois constituintes – o significante e o significado –, quando essa concepção, como também a terminologia na qual se exprimia, fora inteiramente retomada da teoria dos estoicos, a qual data de mil e duzentos anos atrás. (JAKOBSON, 2001, p. 98)

Mas, apesar dessa crítica, ele também se interessa por essa relação entre significante e significado e que essa relação compõe o signo verbal. Levando em conta a tese de que a língua é uma instituição social, ou seja, a língua é uma convenção entre os indivíduos de um determinado lugar, o que Jakobson vem a discutir é o postulado de Saussure de que essa relação é arbitrária. Esse postulado é aceito por muitos linguistas, porém não é uma unanimidade. E Jakobson se posiciona junto a esses linguistas que consideram a relação entre significante e significado como não sendo arbitrária, retomando alguns posicionamentos, tais como o de E. Benveniste e de Peirce. E através de um diálogo com os estudos desses pensadores, Jakobson observa na própria reflexão saussuriana uma possibilidade de relativização neste caráter arbitrário da língua, pois

O próprio Saussure atenuou seu “princípio fundamental do arbitrário” distinguindo em cada língua aquilo que é “radicalmente” arbitrário daquilo que só o é “relativamente”. Ele atribuiu a esta última categoria os signos que podemos dissociar segundo o eixo sintagmático em constituintes identificáveis segundo o eixo paradigmático. (JAKOBSON, 2001, p. 109)

Dessa forma Jakobson traz vários exemplos para demonstrar uma ligação entre significante e significado. Um dos exemplos que ele estuda e que vamos aqui mostrar, a título de ilustração, é quanto às palavras inglesas *father*, *mother*, *brother*. Essas palavras, que identificam graus de parentesco, possuem uma sonoridade parecida, ou seja, pode-se dizer que parece haver uma ligação entre o aspecto sonoro (do significante) com o aspecto semântico (do significado). Essa aproximação de som e sentido também é verificada em outras palavras da língua inglesa e em outras línguas que ele observa.

Desse modo, pensando esses dois aspectos que levantamos sobre o modo como Jakobson pensa a língua, podemos dizer que, para ele, a língua é motivada, isto é, a relação entre significante e significado não é simplesmente arbitrária e, além disso, é usada conforme o objetivo que o remetente possui ao enunciar algo. Pensando a língua desse modo, a análise de poemas ganha uma grande amplitude, pois o estudo da coordenação entre certos sons e certas significações, levando em conta o modo como o poeta faz essas ligações, faz com que se entenda melhor o funcionamento da língua, em especial a sua função poética.

Assim, levando em conta a sua concepção de língua, Jakobson produziu análises de vários poemas, os quais o colocam como um dos principais nomes do mundo quando o assunto é a análise linguística de poesias. Por isso é de suma importância observarmos o modo como ele produz estas análises, já que isso pode nos mostrar quais os aspectos que ele considera relevantes nos poemas, além de estabelecer, a partir desses aspectos que ele observa, uma visão do que seja a poesia. Para

tanto, vamos comentar uma dessas análises, em que ele, juntamente com Claude Lévi-Strauss, analisa o poema “Les Chats”², de Baudelaire.

Nessa análise, Lévi-Strauss e Jakobson começam com um comentário a respeito da união de um etnólogo e de um linguista para a análise de um poema. Para eles, nas obras poéticas existem estruturas que se assemelham às estruturas dos mitos, ou seja, o estudo da poesia pode trazer elementos para se entender melhor os mitos, já que possuem estruturas semelhantes. Em contrapartida eles comentam que os mitos também são obras de arte e que, por isso, provocam sentimentos estéticos, tal qual a poesia. Com isso, levantam a questão de que esses dois objetos de estudo, os mitos e as poesias, não são, na verdade, um só objeto.

Essa colocação inicial vai ao encontro de afirmações anteriores, em que eles deixavam a poesia e os mitos como categorias diferentes, pelo motivo de que o mito é interpretado apenas pelo seu nível semântico, enquanto que a poesia possui diversos níveis para a interpretação. Apesar dessa distinção em métodos de análise, ele aposta nessa união de disciplinas diferentes como um modo complementar para se produzir análises. Do modo como está posto por Lévi-Strauss, e pelo artigo ter sido desenvolvido em parceria com Jakobson, já temos uma observação de que uma obra poética se estabelece como uma obra de arte e, além disso, a análise de poemas é de suma importância não só para os estudos linguísticos, como também para outras áreas.

² Apresentamos aqui o Poema “Les Chats” e a tradução para o português feita por Pietro Nassetti:
“Les Chats

Les amoureux fervents et les savants austères / Aiment également, dans leur mûre saison, / Les chats puissants et doux, orgueil de la maison / Qui comme eux sont frileux et comme eux sédentaires. / Amis de la science et de la volupté, / Ils cherchent le silence et l'horreur des ténèbres; / L'Érèbe les eût pris pour ses coursiers funèbres, / S'ils pouvaient au servage incliner leur fierté. / Ils prennent en songeant les nobles attitudes / Des grands sphinx allongés au fond des solitudes, / Qui semblent s'endormir dans un rêve sans fin; / Leurs reins féconds sont pleins d'étincelles magiques, / Et des parcelles d'or, ainsi qu'un sable fin, / Étoilent vaguement leurs prunelles mystiques.”

“Os Gatos

Os amantes febris, os sábios solitários / Amam de modo igual, na idade da razão, / Este orgulho da casa, os fortes gatos da mansão, / Pois, bem como eles, são frios e sedentários. / Amigos da volúpia e amigos da ciência, / Buscam a calma e o horror das trevas mais cruéis; / O Érebo tê-lo-ia por seus fatais corcéis, / Se pudessem mudar orgulho em obediência. / Adotam ao sonhar as nobres atitudes / De enorme esfinge a olhar além das solitudes, / A adormecer num sonho e que jamais termina; / Os seus fecundos rins têm mágicas cintilas, / E partículas de ouro, como areia fina, / Estrelam vagamente as místicas pupilas.”

Assim, como ponto de partida para a análise, eles observam o modo como estão estruturadas as rimas, que obedecem a um esquema preestabelecido aBBa CddC eeFgFg. A separação que apresentam entre maiúsculas e minúsculas é para marcar o gênero das palavras que compõem a rima, o que já traz a observação de que, na estrutura deste soneto, a gramática e a rima possuem um papel relevante. Juntamente com os gêneros, temos uma análise quanto à classe gramatical das palavras que compõem as rimas e as rimas internas, e, além disso, ao estudar as classes gramaticais, há uma atenção especial para os verbos, a conjugação e a distribuição deles pelo soneto. Outro ponto que eles analisam é a sintaxe, principalmente no que diz respeito ao paralelismo sintático existente entre os dois quartetos e os dois tercetos, levando em conta as conjunções coordenadas ou subordinadas presentes nas estrofes.

Outra questão que eles analisam é quanto à divisão do soneto, pois, graficamente e pelas rimas, temos dois quartetos e dois tercetos, mas devido a diferenças no que concerne à conjugação verbal e outras questões sintáticas e morfológicas, Lévi-Strauss e Jakobson sugerem uma outra divisão para o soneto: uma sextilha, um dístico e outra sextilha. Isso porque:

Todas as formas pessoais dos verbos e dos pronomes e todos os sujeitos das proposições verbais estão no plural em todo o soneto, menos no sétimo verso – O Érebo tê-los-ia por seus fatais corcéis – que contém o único nome próprio do poema, e o único caso em que o verbo no modo pessoal e seu sujeito estão no singular. Por outra parte, é o único verso em que o pronome possessivo remete ao singular.

A terceira pessoa é a única pessoa utilizada no soneto. O único tempo verbal é o presente, salvo nos versos sétimo e oitavo, em que o poeta considera uma ação imaginada (tê-los-ia) que surge de uma premissa irreal (se pudessem) (LÉVI-STRAUSS; JAKOBSON, 1970, p. 12, tradução nossa)³

³No original: “Todas las formas personales de los verbos y de los pronombres y todos los sujetos de las proposiciones verbales están en plural en todo el soneto salvo en el séptimo verso – L’Érebe tes eût pris pour ses coursiers fûnebres – que contiene el único nombre propio del poema, y el único caso en que el verbo en modo personal y su sujeto están en singular. Por otra parte, es el único verso en que el pronombre posesivo (ses) remite al singular.

La tercera persona es la única persona utilizada em el soneto. El único tempo verbal es el presente, salvo en los versos séptimo y octavo, en que el poeta considera una acción imaginada (eût pris)

Também há uma minuciosa análise dos aspectos fônicos do soneto, observando a reincidência de alguns fonemas e também o destaque, no soneto, de vogais nasais. Além disso, também observam os sons das consoantes, especialmente o som dos /R/ e dos /l/, em que percebem que

O caráter áspero de todo /r/, e particularmente do /r/ francês, com relação ao *glissando* da /l/, surge claramente da análise acústica destes fenômenos no recente estudo de M.Durand; a retirada das /r/ diante das /l/ acompanha eloquentemente o passo do felino real a suas transfigurações fabulosas. (LÉVI-STRAUSS; JAKOBSON, 1970, p. 16, tradução nossa)⁴

Ou seja, temos aqui, na análise, o som sendo utilizado para se dar um determinado sentido, o que fica mais evidente quando lembramos que o título do poema é “Les Chats”, isto é, os gatos. Então eles observam em várias passagens do poema outros sons que possam estar relacionados a sons relativos aos gatos. Juntamente com isso, a análise busca observar com quais palavras “gatos” se relaciona e, a partir dessa observação, chegar a compreender o que seja “gato” na concepção de Baudelaire, ou, pelo menos, nesse seu poema. Temos então, inicialmente, uma identificação dos gatos com características de dois tipos de seres humanos, passando por uma associação a uma condição animal, que, segundo os autores do estudo, é rechaçada devido às diferenças na composição gramatical desse quarteto quanto ao resto do soneto, ou seja, além da questão de se observar o sentido por sua relação com o som, temos esta relação do sentido com questões gramaticais, já que a diferença gramatical marca a diferença de sentido dada a gato. Segundo os autores

que surge de una premisa irreal (S'ils pouvaient).”

⁴ No original: “El carácter áspero de toda /r/, y particularmente de la /r/ francesa, con relación al *glissando* de la /l/, surge claramente del análisis acústico de estos fenómenos en el reciente estudio de M.Durand; la retirada de las /r/ ante las /l/ acompaña elocuentemente el paso del felino empírico a sus transfiguraciones fabulosas.”

No decorrer de toda a peça, é a única equivalência rechaçada. A composição gramatical desta passagem contrasta claramente com a das demais estrofes, revela seu caráter insólito: modo irreal, falta de epítetos qualificativos, um sujeito inanimado no singular, desprovido de todo determinante e que rege um objeto animado no plural. (LÉVI-STRAUSS; JAKOBSON, 1970, p. 21, tradução nossa)⁵

Depois desta recusa de apresentá-lo como um simples animal, temos uma nova identificação, em que o gato é relacionado com uma esfinge, ou seja, a um ser mitológico com cabeça humana e corpo de animal. Segundo os autores, o poema vai apresentando uma metamorfose do gato, através de relações metafóricas e metonímicas, até que se apresenta como mulher. Assim, através de uma análise minuciosa de cada aspecto gramatical, fonético e estrutural, os autores fundamentam o aspecto semântico, produzindo esta interpretação em que a imagem do gato, personagem principal do poema, é ligada à imagem da mulher.

Observando esta análise, podemos dizer que a análise linguística de um poema realmente pode trazer uma valiosa contribuição tanto para os estudos literários quanto para os estudos linguísticos, já que é um lugar em que vários aspectos linguísticos podem ser observados.

3 Análise da palavra Poesia em Jakobson

Outra observação que iremos fazer na obra de Jakobson é através do DSD da palavra *poesia*. O DSD de determinada palavra é elaborado a partir das relações que essa palavra possui no texto, especialmente nas relações de reescritura e articulação. Para Guimarães, a “reescrituração é o procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito fazendo interpretar uma forma como diferente de si. Este procedimento atribui (predica) algo ao reescriturado.”(GUIMARÃES, 2002, p.17). E a articulação é o procedimento pelo qual podemos observar

⁵ Tradução nossa, no original: “En el curso de toda la pieza, es la única equivalencia rechazada. La composición gramatical de este pasaje, que contrasta netamente con la de las demás estrofas, revela su carácter insólito: modo irreal, falta de epítetos calificativos, un sujeto inanimado en singular, desprovido de todo determinante y que rege un objeto animado en plural.”

as relações de determinada palavra com outras palavras em um enunciado, enquanto enunciado de um texto.

Assim, observando estas duas operações enunciativas, chegaremos ao DSD da palavra *poesia* em Jakobson, sendo que o DSD, segundo Guimarães (2007, p. 81), é

uma análise de uma palavra. Ele representa uma interpretação do próprio processo de análise e deve ser capaz de explicar o funcionamento do sentido da palavra no corpus especificado (...) É preciso observar, no entanto, que embora não se considere de antemão nenhuma realidade a que as palavras reportam, há um real que a palavra significa. E as palavras têm sua história de enunciação. Elas não estão em nenhum texto como um princípio sem qualquer passado.

Para este estudo, iremos retomar o artigo “Linguística e Poética”, presente no livro *Linguística e Comunicação* (JAKOBSON, 2001). Nesse artigo, temos a palavra *poesia* (e suas reescrituras) sendo usada por várias vezes⁶:

1- uvimos dizer, às vezes, que a Poética, em contraposição à Linguística, se ocupa de julgamentos de valor. Esta separação dos dois campos entre si se baseia numa interpretação corrente, mas errônea, do contraste entre a estrutura da poesia e outros tipos de estrutura verbal. (p. 120)

Temos, nesse recorte, uma reescritura de *estrutura da poesia* por *estrutura verbal*, na qual há uma generalização de *poesia* por *verbal*, ou seja, *estrutura verbal* determina *estrutura da poesia*, na medida em que a poesia é uma estrutura verbal. Além disso, temos, inicialmente, uma relação de antonímia entre Poética e Linguística, porém essa relação de antonímia é desfeita logo após, através da articulação com a palavra errônea, ou seja, *Poética* e *Linguística* são apresentadas em uma relação de antonímia, mas essa relação é considerada por Jakobson como errada. Sendo assim

⁶ Nos recortes aqui apresentados, os grifos são nossos.

temos somente que a estrutura da poesia é determinada por estrutura verbal. E, nessa medida, também temos que *Poética* também é determinada por *Linguística*, por conta de que esta é o estudo de todas as estruturas verbais, incluindo a estrutura da poesia, já que esta é uma estrutura verbal.

- 2- (...) sobre a poesia polonesa moderna. (p. 120)
- 3- Na poesia clássica chinesa (p. 134)
- 4- Na poesia épica sérvia (p. 140)

Nesses recortes, o que temos é a palavra *poesia* articulada a expressões que a especificam por nacionalidades diferentes. Além disso, temos que em cada um desses recortes a poesia ganha especificações diferentes as quais podemos dizer que são estilos diferentes, no caso ela é determinada por *moderna*, *clássica* e *épica*. Com isso, podemos dizer que há vários tipos de poesia e isso acaba por trazer sentidos diferentes, o que veremos depois de analisar os outros recortes.

- 5- Qualquer tentativa de reduzir a esfera da função poética à poesia ou de confinar a poesia à função poética seria uma simplificação excessiva e enganadora. A função poética não é a única função da arte verbal. (p. 128)
- 6- (...) Daí que, ao tratar da função poética, a Linguística não possa limitar-se ao campo da poesia. (p. 128)
- 7- Conforme dissemos, o estudo linguístico da função poética deve ultrapassar os limites da poesia, e, por outro lado, o escrutínio linguístico da poesia não se pode limitar à função poética. (...) A poesia épica, centrada na terceira pessoa, põe intensamente em destaque a função referencial da linguagem; a lírica, orientada para a primeira pessoa, está intimamente vinculada à função emotiva; a poesia da segunda pessoa está imbuída de função conativa e é ou súplice ou exortativa, dependendo de a primeira pessoa estar subordinada à segunda ou esta à primeira. (p. 129)
- 8- Poesia e metalinguagem, todavia, estão em oposição diametral

entre si; em metalinguagem, a sequência é usada para construir uma equação, ao passo que em poesia é usada para construir uma sequência. (p. 129)

9- Em poesia, e, em certa medida, nas manifestações latentes da função poética, sequências delimitadas por fronteiras de palavra se tornam mensuráveis, quer sejam sentidas como isocrônicas ou graduais. (p. 129)⁷

10- (...) tão logo a função poética deixe de estar arbitrariamente confinada ao domínio da poesia. Os versos mnemônicos citados por Hopkins, os modernos jingles de propaganda, e as leis medievais versificadas, mencionadas por Lotz, ou, finalmente os tratados científicos sânscritos em verso, que a tradição indiana distingue estritamente da verdadeira poesia (kavya) – todos esses textos métricos fazem uso da função poética sem, contudo, atribuir-lhe o papel coercitivo, determinante, que ela tem na poesia. Dessarte, o verso de fato ultrapassa os limites da poesia; (p. 131)⁸

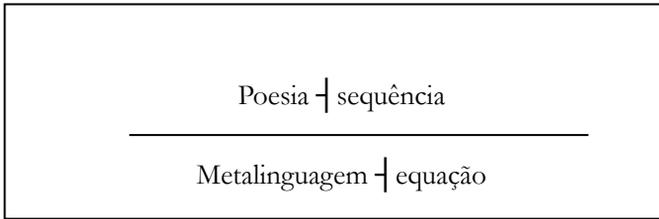
11- Na antiga Índia e na Idade Média latina, a teoria literária distinguia com precisão dois pólos da arte verbal, (...). (p. 155)

12- Esta minha tentativa de reivindicar para a Linguística o direito e o dever de empreender a investigação da arte verbal em toda a sua amplitude (...). (p. 161)

Em um primeiro momento, vamos nos ater ao recorte 8, por ele apresentar algumas indicações que se mostram decisivas para a nossa análise. Nesse recorte, a palavra *poesia* aparece em uma relação de antonímia a *metalinguagem*. E, além disso, temos que *poesia* aparece em uma relação de determinação com *sequência*, isto é, *poesia* determina *sequência* e, por outro lado, *metalinguagem* determina *equação*, o que nos traz o seguinte DSD da palavra *poesia*:

⁷ No decorrer do texto, em várias passagens, temos a palavra poesia aparecendo dessa forma “em poesia”. Por isso só iremos colocar nos recortes se houver mais casos que possam trazer maior relevância para a nossa análise.

⁸ Isso também ocorre em outras formas, tais como “na poesia”, “da poesia”, “a poesia”



Nos outros recortes, temos que, no recorte 9, ela é determinada pelo *em*. Nos outros recortes, está sempre em uma expressão referencial, sendo determinada pelo artigo *a*, em alguns casos com a contração desse artigo com a preposição *de* (*da*) e, em outras, com a contração do artigo *a* com a preposição *em* (*na*). Temos, no recorte 7, novamente *poesia* sendo caracterizada por estilos diferentes e que, em cada um desses estilos, são mobilizadas funções diferentes, isto é, conforme é a poesia diferente, é a função principal utilizada. Isso, por sua vez, traz que a poesia pode ser determinada por qualquer função, porém temos a função poética em uma relação de articulação com poesia funcionando nos recortes de um modo em que ambas se co-determinam, ou seja, a função poética determina poesia mas também é determinada por esta, porém temos que função poética e poesia não coincidem. O *ultrapassar* do predicado em 7 marca claramente isso. Pode-se assim pensar na seguinte relação e determinação do sentido de poesia:

Função poética † poesia

No recorte 8, há uma relação de antonímia funcionando entre Poesia e Metalinguagem. Por outro lado *poesia* é reescrita por *arte verbal*. E aqui, lembrando a análise do recorte 1, em que *estrutura verbal* determina *estrutura da poesia*, temos uma relação entre o verbal e a poesia, enquanto que pela reescrituração em 5 também temos uma relação da *poesia* com a arte, o que nos leva a considerar a seguinte relação de determinação:

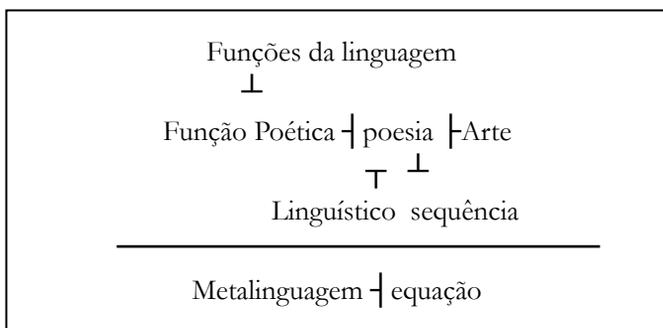
Arte † poesia

E na medida em que poesia é arte verbal

Arte ⊣ poesia ⊢ linguístico

Mas, em correlação com isso, também temos que a *função poética*, pela articulação predicativa em 7, não é a única função encontrada na *arte verbal*. Ou seja, temos também que a função poética não é a única da arte verbal, do mesmo modo que ela não é a única função da poesia. E ainda podemos observar que poesia e função poética não estão em uma relação de sinonímia.

Além disso, temos, no recorte 10, uma articulação de *poesia* com *verdadeira*, o que estabelece algo como não sendo a poesia verdadeira. E o que é este algo? Seriam, conforme a enumeração feita no recorte, vários tipos de textos, tais como jingles modernos, as leis medievais versificadas, que, de alguma forma, utilizam-se da função poética. Ou seja, temos que a poesia possui a função poética e, inclusive, a função é determinante para a poesia, mas a função poética também está presente em outras estruturas verbais, o que traz a questão de que não basta a função poética para que uma estrutura verbal seja uma poesia. Por isso podemos pensar que a “falsa” poesia seria aquela estrutura verbal que utiliza a função poética, mas não como papel determinante. Sendo assim, com as análises que fizemos, podemos pensar o DSD⁹ da palavra *poesia* da seguinte forma:



⁹ Ler ⊣ como Determina e _____ como Antônimo.

4 Considerações Finais

Essa configuração acaba por apresentar que temos uma relação muito particular entre a poesia e a arte no pensamento de Jakobson. Por outro lado, mesmo colocando a poesia como arte, não se tem aqui uma especificação do que seja a arte, ou seja, Jakobson até especifica um lugar para a poesia, mas não conceitua qual é esse lugar. Por outro lado, em Jakobson a poesia possui uma importância privilegiada, pois, por se tratar de uma espécie de linguagem, uma estrutura verbal, todo linguista “pode e deve incluir a poesia no âmbito de seus estudos” (JAKOBSON, 2001, p.162). E isso se deve, como já dissemos, por ser a poesia um lugar privilegiado para se estudar a relação entre som e sentido, algo fundamental para quem se interessa pelos estudos da linguagem. Mas, apesar de ser situada nesse lugar específico, não temos, nesse pensador, uma conceituação específica do que seja a poesia. E, novamente pensando a ligação que Jakobson faz entre poesia e arte, em suas análises há uma contemplação exclusiva de aspectos linguísticos, tais como sintáticos, morfológicos, semânticos, etc. a partir do estudo da ligação entre som e sentido. Ou seja, em análises de poemas, como no caso de *Les Chats*, ele produz uma análise linguística, deixando o aspecto artístico de lado. Mas, qual é este aspecto artístico? Segundo Jakobson, juntamente com Lévi-Strauss, o artístico é o que desperta profundas emoções estéticas. E este aspecto, na linguagem verbal, seria criado pelo modo como o poeta mobiliza a língua, tendo como função predominante a função poética.

Assim, temos que Jakobson, ao colocar a função poética no funcionamento linguístico, esvazia o conceito de poesia, tirando toda a especificidade do que seja o poético. Isso ocorre na medida em que ele retira de suas análises o aspecto artístico, as emoções estéticas, concentrando exclusivamente nos aspectos linguísticos. Em Jakobson, por não fazer essa distinção entre as linguagens, há uma certa contradição operando no modo dele considerar a poesia, pois ela é, ao mesmo tempo, um lugar privilegiado para estudos linguísticos, porém, ao colocá-la nesse lugar, o que temos é uma descaracterização do que é poesia. E isso

podemos ver na análise em que ele, juntamente com Lévi-Strauss, faz do poema *Les Chats*, em que a análise feita é somente linguística, sem levar em conta o poético, o que tem a ver com essa descaracterização da poesia, já que essa não tem algum estatuto que possa se diferenciar dentro da língua.

REFERÊNCIAS

GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.

GUIMARÃES, E. Domínio Semântico de Determinação. **A Palavra: Forma e Sentido**. Campinas: RG/Pontes, 2007.

JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix; 2001.

LÉVI-STRAUSS, C.; JAKOBSON, R. “Los Gatos” de Charles Baudelaire In: **Estructuralismo y literatura**. Ediciones Nueva Visión, Buenos Aires, 1970.

SILVA, A.V. **O sentido da palavra poesia nas ciências da linguagem** Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

Recebido em abril de 2015.

Aceito em maio de 2015.

SOBRE O AUTOR

Adilson Ventura da Silva é professor adjunto da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Possui graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Guaxupé (2001), mestrado e doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Atua principalmente nas áreas de Semântica Argumentativa e Semântica do Acontecimento. E-mail: adilson.ventura@gmail.com